**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 2 – FILOSOFAR É APRENDER A VIVER**

**01:00:17:08**

**ABERTURA**

**01:00:22:17**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:00**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:15:28**

**OFF**

“(...) cuidei que a palavra seria inevitavelmente o centro gravitacional de meu caminhar. A pergunta de Heidegger ‘Quando é que as palavras nos conduzirão à palavra?’ passou a ser também a minha indagação”

**VIDEOGRAFISMO –**

Cadeira 02

Filosofar é aprender a viver

“Percorremos juntos o itinerário dos que abrilhantaram a Cadeira 2, a ser hoje preenchida. Com estilos, temperamentos, culturas díspares, cada qual, o patrono, o fundador e seus demais ocupantes, trouxe relevante contribuição à literatura brasileira.”

“(... ) João Guimarães Rosa (...) tangenciando a genialidade, modelou uma nova linguagem, plasmou formas ricas e inéditas de expressar o humano pulsar.”

Guimarães Rosa – Posse em 1967

**01:02:25:22**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

Quando eu conheci o Rosa, 1955-54, por aí, as pessoas diziam que ele estava escrevendo “Grande sertão veredas” para ser mais uma das novelas de corpo de baile. E ela começou a crescer, as crescer, a crescer, até virar o romance volumoso, que chegou a ser. Ela foi crescendo dentro dele a tal ponto que ele não sentiu que o rio se transformara em mar. Tinha ali muito mais água do que ele pensava de início.

**01:03:08:01**

**OFF**

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim. Esquenta, esfria, aperta e daí afrouxa. Sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente, é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais no meio da alegria e ainda mais alegre no meio da tristeza.

*Grande sertão veredas*

Guimarães Rosa

**01:03:33:17**

**LUIZ ROHDEN – Doutor em filosofia**

Quando a gente fala em perspectiva filosófica presente em Guimarães Rosa, a gente não pode pensar assim que nele há apenas conceitos filosóficos, dialéticas, existência. Não, a linguagem roseana é uma linguagem filosófica, é uma linguagem especulativa. Ela mesma projeta, e ela mesma se constitui numa dimensão filosófica ou reflexiva. E por isso eu chamo, por exemplo, o “Grande sertão veredas” como um romance literário e filosófico, e o exercício literário ele é filosófico porque ele nos ajuda a tomar consciência da nossa realidade, e nos motiva a vivermos de uma forma mais completa, mais humana, mais felizes, e obviamente, mais livre em relação ao que nós pensamos, ao que nós desejamos e ao que nós planejamos na vida. Isso é um exercício antropológico, metafísico, e é ético também. A existência como um elemento fundamental.

**01:04:46:23**

**FRANCISCO BOSCO – Ensaísta**

Sem dúvida alguma tem uma dimensão metafísica na obra do Rosa, e ela salta aos olhos tanto quanto ao dimensão literária. Quando você pensa o Cosmos, a origem do universo, consequentemente a origem da vida, e em seguida a vida humana e toda a aventura do homem na Terra. Quando você pensa nesses termos, de um mistério irredutível a qualquer explicação positiva, a meu ver você está diante da filosofia.

**01:05:18:03**

**LUIZ ROHDEN – Doutor em filosofia**

Quando nós falamos em metafísica, a gente sempre tem que pensar em Guimarães Rosa querendo decifrar aquelas coisas que são mais importantes na vida: o que é o bem; o quê que é o mal; quem é Deus; quem é o Diabo; o que é o certo; o que é o errado. Então a metafísica no “Grande sertão veredas” aparece nesse esforço do protagonista, no caso o Riobaldo, compreender a sua situação na realidade, a sua situação no mundo. Que era o que o Riobaldo fazia em relação a sua existência misturada no próprio sertão. Porque hora parecia que era uma coisa divina, hora uma coisa demoníaca, hora parecia que era uma coisa que era do bem, hora do mal. Então nessa mistura é que ele estava enredado, e essa mistura que ele tentava elucidar. E o Guimarães mesmo diz que ‘eu quis instituir uma metafísica, uma metafísica da linguagem.’ E essa metafísica da linguagem ela se faz pelo cuidado com a palavra, com o uso da palavra.

**01:06:23:29**

**FRANCISCO BOSCO – Ensaísta**

Eu diria portanto, que é sobretudo na sintaxe do Rosa, uma organização da posição das palavras na frase, que chama muita atenção. Há uma invenção incessante. Aquela sintaxe dele, ela remete ao uma possível maneira de falar, de um certo território brasileiro, mas ela de forma alguma é realista, naturalista, na medida que não exatamente espelha esse falar, mas é uma invenção.

**01:06:53:02**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

Era um homem muito curioso, porque ele tomava nota de tudo, com muito cuidado, tudo que era novidade. Ele com as penas, com a descrição da pena de uma asa, ele podia descrever um passarinho inteiro. Então, muita gente que pensa que o Rosa inventou muitas palavras. Ele inventou algumas, mas outras, ele apenas ressuscitou. Elas estavam fingindo de mortas, e ele tirou de onde elas estavam, e as devolveu a vida.

**01:07:27:14**

**OFF**

“A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

*Grande Sertão Veredas*

Guimarães Rosa

**01:08:03:06**

**LUIZ ROHDEN – Doutor em filosofia**

Quando ele se reapropria da linguagem sertaneja, ele o faz numa perspectiva universal, e numa perspectiva humana. E é por isso que é uma obra lida no mundo inteiro, porque ela é uma projeção na verdade da compreensão da alma humana e quem é o Riobaldo no “Grande sertão veredas” na verdade é o esforço do Guimarães em querer se compreender, compreender a sua vida, e uma das formas geniais do Guimarães Rosa, para mim, expressar isso, é no “Grande sertão veredas” onde ele coloca a pergunta do início ao fim sobre o que é o viver. Viver é muito perigoso, tem o bem, tem o mal, tem Deus, tem demônio, e num certo momento então, ele diz assim ‘viver é muito perigoso porque aprender a viver é que é o viver mesmo.’ Ou seja, não há uma receita pronta do que é o viver. E por isso que Guimarães é tão literato, para mim um dos mais importantes, eu acho, da literatura brasileira, por essa razão. Ele conseguiu fazer isso. Ele fazia de uma forma genial, unindo a dimensão cultural da realidade, a dimensão místico, metafísica e colocando isso numa linguagem narrativa musical. Tanto assim que a gente lê os textos, a gente percebe a sonoridade, a musicalidade da obra dele que é uma coisa impressionante.

**01:09:39:10**

**OFF**

Não é só com Rosa que a cadeira dois bebe na fonte da metafísica.

Com Tarcísio Padilha, esse contato também é intenso.

Mas, agora, a filosofia flerta com a religião.

**01:09:58:05**

**MARCO LUCCHESI – Atual ocupante da Cadeira 15**

Tarcísio Padilha ele se formou em filosofia, direito, e ciências sociais. Ele é um dos fundadores da UERJ, foi presidente da casa. Mas Tarcísio foi a vida toda, e até hoje, um filósofo. E grandes ligações, ele foi vice presidente da Sociedade de Metafísica Internacional, foi vice presidente da Federação de Filosofia. Tarcísio conseguia ser estranhamente, luminosamente estranho, um homem também das coisas pragmáticas, no sentido de pensar as instituições, e de dar uma boa parte do seu tempo para as instituições, o que é já da parte do filósofo um sinal de generosidade.

**01:10:44:08**

**ANA MARIA MOOG – Professora**

Para um católico, um pensamento sem metafísica, é muito difícil, porque a própria metafísica é uma falar sobre coisas que estão para além daquilo que é o tangível, o que a ciência pode indicar. Se você vai falar na imortalidade da alma, você vai falar sobre alguma coisa que tenha haver com metafísica. Só que para o pensamento protestante, por exemplo, evangélico, basta você ter fé. É uma questão de fé, é uma questão de religião, de fórum íntimo. Pro pensamento católico sempre houve a necessidade de ter uma fundamentação racional para essa crença. Tem que ter uma razão de plausibilidade. Então quando Kant disse que era impossível ou mostrou como que a nossa razão não chega lá, os católicos passam o resto do tempo buscando uma forma de chegar lá. O Tarcísio Padilha vai buscar uma inspiração no Lui Lavelle que era considerado um existencialista, mas não é exatamente um existencialista do tipo do Sartre. O Tarcísio vai ter muita simpatia por Gabriel Marcel, ele vai ter pelo Kierkgaard, que são daquela linha dos existencialistas que como o Santo Augustinho acham que é mais importante é o homem enquanto ser vivo, que tem que viver a sua vida, e na vida, a existência tem muito mais, muita importância. Através da sua existência você alcança a realidade em si. Você se depara com algo que ultrapassa aquilo que a razão pura pode alcançar.

**01:12:43:13**

**MARCO LUCCHESI – Atual ocupante da Cadeira 15**

E há uma grande comunicação entre a obra de Tarcísio e as suas próprias convicções. Por exemplo, uma perspectiva que o Tarcísio vai chamar de filosofia da esperança. Tarcísio é conhecidamente um filósofo da esperança, porque deu à esperança um tratamento e uma categoria filosófica importante. Tarcísio um pouco se encontra com o grande filósofo Ernst Bloch, que escreveu a trilogia do princípio esperança, em que dizia Bloch que ‘nós não sonhamos quando dormimos’. Talvez, dizia ele, ‘até quando dormimos sonhamos. Mas é sobretudo de olhos abertos que nós sonhamos.’ E começou a dar a esperança uma qualidade que ela, a esperança, e Tarcísio assina embaixo, que a esperança não tinha, por exemplo, na Grécia. Na Grécia a esperança era irmã do sono e da morte. Portanto, ela não tinha um bom parentesco, a esperança. Era praticamente vazia. Era inútil. O princípio de esperança não é uma categoria vazia, nem é uma metáfora. A esperança é o motor da construção da subjetividade na estória. Acho que esse, dos outro muitos livros que Padilha também escreveu é deixou, o lighmotive, é o que liga essa constelação de reflexões que ele trabalha ainda hoje e já deixou, e deixará ainda outros, outras páginas brilhantes a respeito dessa perspectiva da esperança tão gramaticalmente necessária em todos os dias, vamos dizer nesses que corre, mas em todos os dias, presente, passado e futuro. E aqui eu diria, aquela perspectiva augustiniana de que o tempo é triático, futuro, presente e passado caminham juntos, mas, eu só tenho o presente. Você só tem o presente. Somos pobres de tempo, mas nesse presente, a latência do futuro não para. E o princípio esperança ele é esse fio de ouro que liga passado diretamente ao futuro, porque mediado pelo presente. E aí está a construção. A perspectiva, a esperança, o motor que não para.

**01:15:05:13**

VINHETA – Estamos apresentando

Imortais da Academia

01:15:23:24

VINHETA – Voltamos apresentar

Imortais da Academia

**01:15:32:05**

**OFF**

Foi o poeta ultra romântico Álvares de Azevedo

O homenageado escolhido como patrono da cadeira dois.

Atraído desde muito cedo pela sedução da morte,

Não tardou a cair em seus braços.

**01:15:49:25**

**IRINEU E. JONES – Professor Doutor**

O Álvares de Azevedo talvez seja o personagem mais interessante do período dele. Ele morreu com 21 anos, 22 anos. Deixou um único livro, que foi editado pelo pai postumamente. Mas ele, em vida, ainda sem ter publicado nenhum livro, ele já era considerado um grande poeta. E até hoje se você ler um poema dele como se deve ler um poeta romântico, ele é sem dúvida nenhuma, toca a qualquer um que o leia. Ele tem uma poesia lírica de muito boa qualidade. É a musa, aquela musa impossível, romântica. Mas ele tem também muita poesia irônica, algo debochada. Então ele fazia sucesso na hora do sentimental, e fazia sucesso na hora da bebedeira.

Álvares de Azevedo – Patrono da Cadeira 02

**01:16:56:05**

**ALEXANDRE MEIRELLES – Doutor em Literatura Comparada**

Álvares de Azevedo é um autor pop. Basta ver o apelo que ele tem hoje junto a juventude. A questão da magia dele decorre em parte do fato que ele, diferente da primeira geração romântica que vinha forte com esse propósito de desenvolver uma literatura nacional, uma literatura realmente brasileira, ele abraça o modelo europeu e aí nesse caso lembra do modelo europeu proposto pelo romântico Lord Byron. E nisso, esse abraço desse ambiente soturno, desse ambiente de misticismo, do sobrenatural, do imponderável, das trevas, que é algo que não é presente na literatura brasileira, nesse primeiro momento. Vamos lembrar que o Brasil é um país solar, então as trevas não tem muito apelo em nosso meio. Mas ela respondeu diretamente a própria alma do Álvares de Azevedo.

**01:17:54:06**

**OFF**

“— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá, taverneira, não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os lábios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrifa de lava?”

*Noite na Taverna*

Álvares de Azevedo

**01:18:25:03**

**ALEXANDRE MEIRELLES – Doutor em Literatura Comparada**

Falar de gótico brasileiro o que imediatamente vem à mente é “Noite na taverna”, cujas as estórias ainda que são escritas por um autor brasileiros, Álvares de Azevedo, mas traz como cenário o exterior. Então é a Itália, é essa Europa carregada de toda uma estória de um legado, de sangue, de disputas aristocráticas. São narrativas impregnadas de temas como relações incestuosas, necrofilia, assassinato, a presença do sobrenatural. A morte é uma constante, é uma companheira. E o ato de morrer, essa espera do morrer, é uma constante. É também mostrar que a mesma natureza que acolhe, que protege o homem comum, o pastor, essa figura tão querida do romântico, ela também, a natureza, traz a tempestade, traz as trevas, e pode também privar o homem da vida.

**01:19:30:01**

**OFF**

A alcunha de “imortais”, herança francesa,

Ora afasta, ora aproxima os acadêmicos da finitude.

Se para uns a morte é tema ainda em vida,

Para outros, aparece na lembrança dos que se vão.

**01:19:53:02**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 05**

Eu era vizinho do Guimarães Rosa. Meu prédio na rua Raul Pompéia não tinha Garagem. Eu tinha dois carros. O meu e o da minha mulher. E o Guimarães Rosa não tinha carro nenhum, meu vizinho. Então, eu guardava o meu carro, o carro da minha mulher ou o meu, no prédio do Guimarães Rosa, quer dizer, éramos muito amigos. Um dia, ele me telefone. ‘Cony, você está fazendo alguma coisa importante?’. Eu digo ‘Não, primeiro que eu não faço nada de importante, depois, por acaso, hoje eu não tenho nada de importante para fazer.’ ‘Então dá um pulo aqui.’ Eu dei um pulo lá. Me levou para o gabinete e eu disse ‘Mas, qual é o problema. Você está me trazendo aqui. Qual é?’ Disse ‘Não, vamos falar mal dos outros.’ Assim mesmo, ‘Vamos falar’. Aí, não sobrou ninguém. Não sobrou ninguém. Falamos mal de todo mundo! Escritores, músicos, políticos. Ele gostava muito de falar mal. Mas ele era um grande sujeito, grande sujeito. Vaidoso. Ele fala de si na terceira pessoa. Chamava um garoto, ‘vai comprar um jornal pro Guimarães Rosa.’ ‘Vai comprar um picolé pro Guimarães Rosa.’ Ele falava na terceira pessoa, entendeu? Inclusive, na véspera de tomar posse, ele veio aqui falou com Ataíde, ‘Não é possível arranjar uma banda de música pra quando eu entrar?’ Quer dizer, pediu, queria banda de música pra posse dele. Ele tinha isso, né? Mas era vaidoso porque tinha razões para ser vaidoso, entendeu? Essa é que é a verdade. Mas era um tipo.... Eu tenho muitas saudades dele, sinceramente, eu tenho. Era muito emotivo.

**01:21:40:22**

**ALBERTO DA COSTA E SILVA – Atual ocupante da Cadeira 09**

Quando ele entrou para a Academia, só muitos meses depois ele se decidiu a tomar posse, porque ele tinha uma premonição, de que quando tomasse posse, morria logo em seguida. Então um dia no telefone, ‘Alberto, você tá muito ocupado?’ ‘Não, por acaso não.’ “Dá um pulinho aqui na minha sala.’ Fui até a sala dele. Me deu um bloquinho de notas e um lápis. ‘Você fica aí quieto, calado, toma nota de todos os erros que eu cometer. Erros de fala, erros de palavra ou erros de gesto. E me comunica depois, mas não me interrompa. Eu vou ler para você o meu discurso de posse. A última coisa importante que eu vou fazer na vida.’ Então, ele ficou assim em pé como você está aí sentado, e leu todo o discurso pra mim. Na realidade ele não leu o discurso, ele olhou o discurso no papel, porque ele já sabia aquilo tudo de cor, todos os gestos, tudo, tudo estava estudado. Dois dias depois eu vim aqui à posse, e ele repetiu o discurso tal o que ele havia lido. Três dias depois eu telefonei para ele para pedir para no dia 19 de novembro, ele fizesse a pequena locução que o Itamaraty costuma fazer todo o dia da bandeira, sobre a bandeira nacional. E ele me disse, ‘Olha você pede desculpas ao secretário geral, mas eu não posso porque eu estou muito gripado.’ No dia seguinte ele telefonou para a secretária dele e disse, ‘Maria Augusta, eu estou sozinho em casa e estou morrendo’. ‘Você está passando mal, Rosa? Desliga o telefone.’ Ele disse ‘Não posso, eu quero morrer falando com alguém.’ Ela disse, ‘Mas deixa eu chamar um médico.’ Ele disse, ‘Você esquece que eu sou médico.’ Rosa era formado em medicina. Foi conversando com ela, que ele se foi. A mulher dele, Aracy, e a netinha postiça, Vera, tinham saído para fazer umas compras. Quando chegaram de volta, o Rosa estava com o telefone na mão, morto.

**01:24:16:25**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 02

Patrono – Álvares de Azevedo

Fundador – Coelho Neto

João Neves da Fontoura

Guimarães Rosa

Mário Palmério

Atual – Tarcísio Padilha